

TANTOS MUNDOS

Dedico esta terceira edição de
“Tantos Mundos” aos meus filhos,
José Carlos e Maria Isabel, à minha
esposa Lucimara, aos meus pais,
Antenor e Isabel, aos meus irmãos,
João, Antenor, Dídia e Renata e aos
meus queridos sobrinhos.

Com todo o amor de todos os
meus Mundos.

JANELA

Os pedaços de minha janela
são os mesmos que choram
as minhas verdades,
enquanto o azul de minha praia
são meus olhos azuis,
que choram vendo o brilho da tarde.
Minha janela é minha vida,
uma vida azul e pensante,
talvez seja uma janela
sem parede ou teto,
mas com o pensamento enorme,
que voa junto com o pássaro azul
no peitoral da janela.
Assim, meu voo é sem limites,
é o ser ou não ser...,
é a vida de uma garça,
que voa sem graça sobre o azul do mar.
Eu não tenho mar,
mas tenho janela,
de onde tiro e onde coloco o que quiser:

mar, montanha, árvore, geleira
e uma besteira qualquer.
Minhas vontades estão no ar,
não há como fugir;
basta abrir a janela e por ela olhar;
se estou triste, dá para um abismo;
se não, dá para o mar.
Triste do homem que não cria,
pois este não tem janela para olhar.

CANTO POÉTICO

O poeta que canta e escreve
sabe que a poesia não tem sentido
só na forma e no verso,
mas, sim, na vida de quem a viveu.
Para quem sabe olhar as estrelas,
amar o céu pelas nuvens,
imaginar novas vidas
e emocionar o seu pranto,
vida é reencontrar o seu canto
no canto torto da poesia.

ESPAÇO

Um barco em rumo do nada,
como uma estrada de pedras desencontradas,
um acaso matemático,
uma forma gelatinosa de gelatina,
palavras soltas, descompasso,
espaço torturado, revisto e revigorado,
estrelas na banca do mercado,
planetas laticínios,
brinquedos estragados,
legumes eletrônicos,
vísceras na calçada,
bolo de fubá no congelador.
Loucuras do mundo de hoje,
de poesias perdidas,
em vez de paz e harmonia,
racismo e hipocrisia.
Que pena!
Crianças fogem de balas sem açúcar
e morrem com tiro na nuca,
vida maluca.

A cara do guarda parece o Buck Rogers,
de estrela no peito, racismo na alma
e alma lavada:

- Matei mais um filho de preta desempregada!

O guarda de cuspe branco
mata mais um “preto assaltante de banco”,
que tinha na mão só um passe de ônibus
e não tinha nem banco para ir,
até morrer na mocidade.

Mundo,

Ah, bicho danado,

espaço santo do mundo errado

do sonho errado,

tão marcado,

roubado, usurpado

pelo medo e pela solidão,

que as pessoas, prisioneiras da violência,

não vivem mais a noite

nem conversam nas calçadas.

Hoje,

a poesia resiste contra a vergonha

da violência,

com as palavras dos poetas

e das poucas figuras de bar,

estranhas criaturas notívagas,

caladas, marcadas de solidão,

que quebraram o cordão do cordão,

o penúltimo suspiro do cantor,
a rouquidão da espera,
a vida de espaços vazios,
ouvindo o Tim Maia em dia de frio,
o Caetano dançando circuladô,
espantando o medo de estar sem rumo
e de prumo cantar a madrugada
no subúrbio do Rio
e, apesar da vida por um fio,
ainda se alegram com poesias.
Mundo de hoje,
espaço de loucos,
fuga de poucos na noite calada,
nas estrelas nuas do espaço.

AUTOR

calmirsbferreira@gmail.com
[facebook.com/carlos.almirferreira](https://www.facebook.com/carlos.almirferreira)

EDITORA

www.editorapenalux.com.br
penaluxeditora@gmail.com

Composto em Abhaya Libre e impresso
em Pólen Soft 80g/m² em São Paulo
para Editora Penalux, em agosto de 2017.